

REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DO JOVEM NA UNIDADE 1 DO LIVRO DIDÁTICO “INTERAÇÃO”, ADOTADO NA EPT: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Wiron de Araújo Holanda ¹
Zildelene Mariano Cardoso Silva ²
João Paulo Silva do Nascimento ³
Irislany Cazumba Parente Pinho ⁴
Nilson Vieira Pinto ⁵
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima ⁶

RESUMO

Este artigo objetiva analisar criticamente a representação imagética (linguagem não-verbal) do jovem na abertura da unidade 1 do livro didático “Interação” de língua portuguesa adotado para o ensino médio na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). O caminho metodológico utiliza-se da Análise de Discurso Crítica (ADC) com foco na Gramática do Design Visual (GDV) para constituir elementos que contribuam para a significação desta representação imagética, não sendo, portanto, necessária a apreciação do Comitê de Ética. O referencial teórico apresenta a perspectiva da metafunção representacional, a partir da semiótica social, priorizando o aspecto multissemiótico, fundamentando a análise realizada neste estudo. Os resultados apresentam uma representação imagética narrativa, do tipo não-transacional, a qual evoca um jovem protagonista que exhibe uma ação em liberdade, oportunizando signos e símbolos que se relacionam aos anseios identitários da juventude com o seu “lugar no/de mundo” e que podem compor o acervo discursivo e reflexivo em sala de aula. Consideramos que, a análise desta representação imagética possibilita uma narrativa que coaduna com a proposta intitulada nesta unidade didática (O jovem: identidade e lugar no mundo), oportunizando discussões sobre a temática em sala de aula e evidenciando a importância de se valorizar a apreensão da diversidade de gêneros textuais presentes nos materiais didáticos.

Palavras-chave: Texto imagético, Livro didático, Análise do Discurso Crítica, Gramática do Design Visual.

INTRODUÇÃO

O livro didático é uma ferramenta geralmente disponível para utilização do docente no processo de ensino e aprendizagem. Ele comumente traz os conteúdos da disciplina e além disso, temas diversos que variam de acordo com o nível de ensino.

¹ Mestrando do Curso de Educação Profissional e Tecnológica, PROFEPT IFCE, wiron.holanda@ifce.edu.br

² Mestranda do Curso de Educação Profissional e Tecnológica, PROFEPT IFCE, zildelene.cardoso02@aluno.ifce.edu.br

³ Mestrando do Curso de Educação Profissional e Tecnológica, PROFEPT IFCE, jpaulo_adm@hotmail.com

⁴ Mestranda do Curso de Educação Profissional e Tecnológica, PROFEPT IFCE, irislany.cazumba53@aluno.ifce.edu.br

⁵ Doutor em Biotecnologia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, nilsonvieira@ifce.edu.br

⁶ Professor orientador: doutora em Educação pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, patriciafeitosa@ifce.edu.br

Este trabalho trata da representação imagética presente na unidade 1 do livro didático “Interação” de língua portuguesa para o ensino médio, Editora do Brasil, obra que faz parte do PNLD 2021 e que foi escolhida para utilização na EPT, nos cursos Técnico Integrado em Agropecuária, Técnico Integrado em Agroindústria, Técnico Integrado em Informática e, Técnico Integrado em Nutrição e Dietética, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE), campus Iguatu.

Essa temática é analisada criticamente a partir de um dos enfoques da ADC (Análise de Discurso Crítica): a GDV (Gramática do Design Visual), com foco na análise da imagem que aparece na abertura da unidade 1. Pretendeu-se analisá-la na perspectiva da metafunção representacional proposta por Kress e Van Leeuwen (1996, 2006), mentores da Gramática do Design Visual, os quais, segundo Wodak e Meyer (2009) trabalham com semiótica social, analisando textos da sociedade contemporânea, priorizando o aspecto multissemiótico.

Esta pesquisa se origina na inquietação de como a juventude pode estar representada no livro didático direcionado ao ensino médio, nível de ensino composto primordialmente por jovens que estão em processo de construção de identidade, buscando representações de si e do outro nos espaços que ocupam, imersos concomitantemente numa jornada de ensino e aprendizagem, algo primordial para sua formação cidadã e para o mundo do trabalho.

Considera-se que o livro didático poderá ser mais efetivamente aproveitado a partir do momento em que os textos, em especial os imagéticos (não-verbais), forem analisados com o suporte de teorias que permitam compreender mais amplamente o valor dos elementos nele representados.

METODOLOGIA

O caminho metodológico utiliza-se da Análise de Discurso Crítica (ADC) com foco na Gramática do Design Visual (GDV) que proporcionou o arcabouço teórico e metodológico necessário para a análise do *corpus* selecionado. Considerando a abrangência e as possibilidades de se trabalhar com a ADC, fez-se necessário, também por conta do gênero textual acadêmico em questão e a limitação dos números de páginas, focar na análise minuciosa de apenas uma imagem, buscando interpretar aspectos nela presentes e que facilitem sua compreensão, algo que faz essa pesquisa ser de natureza qualitativa. Visto que o material analisado se trata de imagem contida em um livro didático, não foi necessária a aprovação de nenhum instrumento de pesquisa junto ao Comitê de ética.

REFERENCIAL TEÓRICO

O livro didático é uma ferramenta normalmente disponível para o aluno com o propósito de contribuir na obtenção de conhecimento ao longo do processo de ensino e aprendizagem, e ademais, colaborar com o docente no planejamento das aulas. Freitas (2020) corrobora com esse pensamento ao afirmar que:

“O Livro Didático (doravante LD) faz parte da rotina escolar de professores e de alunos, principalmente, nos ensinos fundamental e médio, exercendo um papel significativo no processo de ensino e aprendizagem na medida em que é fonte de pesquisa para o estudante, permitindo que ele possa antecipar o conteúdo que vai ser explanado ou até mesmo aprofundar aquele que já foi ministrado, e facilitador do trabalho do professor, auxiliando-o na elaboração do plano de aula, na organização dos conteúdos a serem vistos durante o ano letivo, bem como na produção de atividades avaliativas.” (FREITAS, 2020, p. 15)

No ensino público, o processo de escolha e aquisição desse material ocorre em etapas do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). O MEC elabora e publica editais que especificarão os componentes para que as editoras possam ter suas obras inscritas e avaliadas no PNLD. Esses componentes delinham itens e critérios para aprovação das obras em relação a todas as disciplinas, e determinam ainda quais deles precisam existir para o atendimento das especificidades de cada área (FREITAS, 2020). Assim, percebe-se que o livro didático é um material gerado para atender a várias peculiaridades.

A diversidade de conteúdos e conseqüentemente de temáticas que o livro didático apresenta, independente da disciplina, tende a abranger textos verbais (escritos), não-verbais (imagens) e inclusive textos de linguagem mista (verbal e não-verbal em concomitância). É importante salientar que todo texto inserido no livro didático, independente da sua temática, possui um conjunto simbólico de valores atrelados a uma ideologia conforme afirma Freitas ao citar Baladeli:

De acordo com Baladeli, ao depararem-se com textos verbais e não verbais que, de maneira explícita ou implícita, denigrem a imagem de determinados grupos sociais, os estudantes estarão tendo acesso a conjunto simbólico de valores culturais que “não são a medida de todas as coisas, mas que, sim, foram construídos ideologicamente ao longo das relações de poder como uma forma de dominação e de ampliação de sua influência sobre outros sujeitos e grupos sociais”. (BALADELI, 2014, p. 233 *apud* FREITAS, 2020, p. 88)

Nesse viés, o objeto de estudo desta pesquisa foi a temática juventude, uma das abordadas na unidade 1 da obra *Interação*, disciplina português, de autoria de Graça Sette, Ivone Ribeiro, Márcia Travalha e Nara Bitai, publicada pela Editora do Brasil, selecionada pelo PLND 2021 e escolhida para ser utilizada nos cursos integrados de nível médio do IFCE – campus Iguatu. O título da referida unidade é ‘O JOVEM: IDENTIDADE E LUGAR NO MUNDO’

que conta com 28 páginas, sendo que a análise pretendida com este trabalho se deteve, como já citado anteriormente, na imagem de abertura da unidade 1.

Para tentar captar o significado contido na representação imagética analisada, utilizou-se a Gramática do Design Visual (GDV), um dos enfoques da ADC (Análise de Discurso Crítica). Freitas (2020) entende que a GDV se baseia em convenções visuais originadas da cultura ocidental e naquilo que esta cultura valoriza e acredita, pois ela é a cultura predominante nos tempos contemporâneos no tangente à comunicação visual e as tecnologias utilizadas pelas mídias de grande alcance. Vieira (2007) afirma que essa gramática “[...] pode orientar tanto a análise de uma pintura quanto de um layout de uma revista, assim como de uma tirinha ou de um gráfico científico.”

Os estudos da GDV feitos por Kress e Van Leeuwen (1996, 2006) foram desenvolvidos baseados no proposto por Halliday na Gramática Sistêmico-Funcional, que considera três funções para a linguagem: uma que representa as experiências do mundo interior e exterior, a ideacional; outra que associa a estrutura e o formato à construção do significado do texto, a textual; e a que comunica as interações sociais, a interpessoal. Na GDV, as metafunções representacional, interativa e composicional são as classificações utilizadas na análise de imagens (FREITAS, 2020).

Define-se “semiótica” como “ciência dos modos de produção, de funcionamento e de recepção dos diferentes sistemas de sinais de comunicação entre indivíduos e coletividades.” (SEMIÓTICA, 2022). Dito isso e ratificando o pensamento de Kress e Van Leeuwen (1996, 2006) em relação ao conceito deles para metafunção representacional, Freitas (2020) declara que a variedade de modos semióticos pode definir como se dará a representação de pessoas, processos e objetos, e além disso, a representação da relação entre tais elementos. Isso se justificaria devido ao uso de diversos modos de representação, cada qual com seu potencial de representar um significado. Posto isso, pode-se considerar significado específico para uma estrutura visual de acordo com o contexto social e cultural de sua produção.

No ato semiótico, o participante está inserido em algo, podendo variar sua tipologia de acordo com a sua ‘posição’ dentro da representação. Kress e Van Leeuwen afirmam que

[...] dois padrões de design podem produzir diferentes representações do mesmo aspecto do mundo. Em vez de ‘objetos’ ou ‘elementos’, de agora em diante, nós usaremos o termo ‘participantes’ ou, mais precisamente, ‘participantes representados’. Isso tem duas vantagens: apontar para a característica relacional do ‘participante em algo’; e suscitar atenção para o fato que há dois tipos de participante envolvidos no mesmo ato semiótico, participantes interativos e participantes representados. Os primeiros são os participantes do ato da comunicação – os participantes que falam e ouvem ou escrevem e leem, produzem imagens ou as visualizam, enquanto os últimos são os participantes que constituem o assunto da

comunicação; ou seja, as pessoas, lugares e coisas (incluindo as abstratas) representadas no e por um discurso ou escrito ou imagem, os participantes sobre quem ou que estamos falando ou escrevendo ou produzindo imagens. (KRESS, VAN LEEUWEN, 1996, 2006, p. 47-48, tradução nossa⁷)

Kress e Val Leeuwen (1996, 2006) declaram que a metafunção representacional pode ser narrativa ou conceitual. Na narrativa pode haver o processo de ação, o reacional, o verbal, o mental, o de conversão e o de simbolismo. O processo de ação pode ser não-transacional, transacional ou bidirecional enquanto o processo reacional se classifica somente como não-transacional ou transacional. Tratando-se da metafunção representacional do tipo conceitual, ela apresenta as seguintes possibilidades: classificacional, analítica e simbólica.

Neste artigo optou-se por abordar apenas o processo de ação que pode existir numa representação narrativa, com o fito didático de facilitar o entendimento do leitor e também para atender às especificações de extensão estabelecidas pela organização do evento ao qual este texto foi submetido.

Para identificar uma representação visual narrativa faz-se necessário atentar para o seguinte:

A marca de uma ‘proposta’ narrativa visual é a presença de um vetor: estruturas narrativas sempre têm um, as estruturas conceituais nunca têm. Nas imagens, esses vetores são formados por elementos representados que formam uma linha oblíqua, geralmente bem forte, uma linha diagonal [...]. Os vetores podem ser formados por corpos, membros ou ferramentas ‘em ação’, mas há muitas outras formas de transformar elementos representados em linhas diagonais de ação. Uma estrada percorrendo diagonalmente através do espaço de uma figura, por exemplo, é também um vetor e o carro dirigindo nela, um ‘Ator’ no processo de condução. Em imagens abstratas como diagramas, os processos narrativos são realizados por elementos gráficos abstratos – por exemplo, linhas com um indicador explícito de direcionalidade, geralmente uma ponta de flecha. Tais características de direcionalidade devem sempre estar presentes se a estrutura é para realizar uma representação narrativa: linhas conectadas sem um indicador de direcionalidade formam um tipo particular de estrutura analítica, e significam algo como ‘está conectado a’, ‘está unido a’, ‘está relacionado a’. (KRESS, VAN LEEUWEN, 1996, 2009, p. 59, tradução nossa⁸)

⁷ No original: “[...] two design patterns can produce two different representations of broadly the same aspect of the world. Instead of ‘objects’ or ‘elements’ we will, from now on, use the term ‘participants’ or, more precisely, ‘represented participants’. This has two advantages: it points to the relational characteristic of ‘participant in something’; and it draws attention to the fact that there are two types of participant involved in every semiotic act, interactive participants and represented participants. The former are the participants in the act of communication – the participants who speak and listen or write and read, make images or view them, whereas the latter are the participants who constitute the subject matter of the communication; that is, the people, places and things (including abstract ‘things’) represented in and by the speech or writing or image, the participants about whom or which we are speaking or writing or producing images.”

⁸ No original: “The hallmark of a narrative visual ‘proposition’ is the presence of a vector: narrative structures always have one, conceptual structures never do. In pictures, these vectors are formed by depicted elements that form an oblique line, often a quite strong, diagonal line [...]. The vectors may be formed by bodies or limbs or tools ‘in action’, but there are many other ways to turn represented elements into diagonal lines of action. A road running diagonally across the picture space, for instance, is also a vector, and the car driving on it an ‘Actor’ in the process of ‘driving’. In abstract images such as diagrams, narrative processes are realized by abstract graphic elements – for instance, lines with an explicit indicator of directionality, usually an arrowhead. Such features of directionality must always be present if the structure is to realize a narrative representation: connecting lines

O Ator é o participante representado de quem ou de que se origina o vetor, ao passo que o participante representado passivamente, ou seja, para quem o vetor se direciona dentro do processo de ação é chamado de Meta (KRESS, VAN LEEUWEN, 1996, 2009).

Para Freitas (2020) o que está descrito nos processos de ação é aquilo que está se passando ou sendo realizado na imagem, podendo ser não-transacional, transacional ou bidirecional. Não havendo Meta e existindo somente a representação de um participante, tem-se um processo de ação não-transacional; quando se verifica a existência de um Ator e de uma Meta, ou seja, há a representação de pelo menos dois participantes, ocorre um processo de ação transacional; o processo de ação bidirecional é verificado quando os participantes são ao mesmo tempo, Ator e Meta. As figuras a seguir ajudarão na compreensão desses conceitos:

Figura 1 – Representação de uma imagem contendo Ator, vetor e Meta.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/ohVvBGLxqHioTvNy8>

Figura 2 – Exemplo de ação não-transacional



Fonte: <https://images.app.goo.gl/73gKQReL7vBbyB1f7>

Figura 3 – Exemplo de ação transacional



Fonte: <https://images.app.goo.gl/YWSbn6xjruiRZWjx8>

Figura 4 – Exemplo de ação bidirecional.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/2pDpkMCNZetfPapG8>

Na figura 1, o homem representa o Ator, o vetor é a linha formada pelo braço dele segurando a tesoura e a Meta é a mulher para quem o vetor se direciona. Na figura 2, pode-se dizer que a ação é não-transacional porque somente o Ator está representado e não há Meta. Na figura 3, devido à representação de um Ator e uma Meta, a ação é transacional e nela o Ator está representado pela mãe e a Meta pela criança. Na figura 4, o homem e a criança são Ator e Meta ao mesmo tempo, pois no ato de abraçar, aquele que abraça, também é abraçado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conteúdo desta seção é oriundo da análise da seguinte imagem:

Figura 5 – Jovem dançando break.



Fonte: Boboshow/Pixabay.com

O livro didático possui, de fato, um papel na construção da identidade do estudante. Ele atua nesse processo por meio dos discursos, representações e ideias nele propagadas, por isso, vários autores têm desenvolvido estudos sobre tal recurso didático (FREITAS, 2020). A figura em análise, estando na unidade 1, com o título ‘O JOVEM: IDENTIDADE E LUGAR NO MUNDO’, numa obra intitulada INTERAÇÃO, de alguma forma desperta no educando uma mínima identificação, gerando uma reflexão sobre sua consciência em relação a sua própria identidade e que espaço o mundo lhe reserva ou ele pode ocupar.

Buscando apreender o significado da imagem, utilizando-se para isso um dos enfoques da ADC (Análise de Discurso Crítica), a GDV (Gramática do Design Visual), focando no que se ocupa a metafunção representacional, verifica-se que a imagem se trata de uma representação narrativa porque há um participante representado, o Ator (o jovem), executando uma ação (dançando break).

Em relação ao processo, pode-se afirmar que a representação narrativa é um processo de ação por descrever o que está acontecendo na imagem, do tipo não-transacional, visto que somente um participante está representado na figura, não havendo, portanto, a existência da Meta, ou seja, não consta na imagem a destinação do vetor representado pela ação do Ator.

Pelo exposto nesta seção até aqui, percebe-se que o fato da representação narrativa ser um processo de ação, do tipo não-transacional, faz com que o Ator se destaque dentro desse texto não-verbal que evoca a possibilidade de mostrar ao jovem que ele pode ser protagonista de processos diversos, por exemplo, dos ligados à Arte como é o caso da dança no estilo break. Isso aponta para a relação ideológica que desempenha esta imagem neste recurso didático (BALADELLI, 2014).

Diante desse caráter identitário, a imagem exhibe uma ação em liberdade, oportunizando signos e símbolos que se relacionam aos anseios da juventude e que podem compor o acervo

discursivo e reflexivo em sala de aula. Neste contexto, faz-se importante ressaltar que a “identidade” e o “lugar no mundo” que intitulam esta unidade, são constituídas pela interação entre a imagem e o leitor-observador, o qual ocupa um lugar único, compartilhado consigo, com o outro e com o meio (SOUZA; LOPES, 2002).

Constitui-se nesta análise, portanto, uma ferramenta importante para a percepção da composição do tecido da textualidade, possuidor de constituintes diversos inseridos no binômio estrutura e conteúdo que inegavelmente se comunica com um outro, a saber, o da coesão e coerência, fortalecendo o processo comunicativo que busca se concretizar em textos diversos, ainda que eles sejam constituídos praticamente por imagens.

Ademais, é válido considerar que todo conhecimento de gramaticalidade presente nos textos imagéticos, apreendido pelo docente, torna-se de grande valia em sua prática docente para facilitar a apropriação, por parte do aprendiz, dos discursos materializados textualmente em variados contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que, a análise desta representação imagética do jovem, na unidade 1, do livro didático “Interação”, de língua portuguesa, adotado para o ensino médio na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), possibilita uma narrativa que coaduna com a proposta intitulada nesta unidade didática, oportunizando amplas discussões sobre a temática em sala de aula, de caráter identitário e reflexivo com o seu “lugar no/de mundo”. Para além, este artigo expressa a importância de se valorizar a apreensão da diversidade de gêneros textuais presentes nos materiais didáticos.

Todo recurso didático que propicie uma experiência de aprendizagem deve ser levado em conta no ato de ensinar, formar e educar. O livro didático é um recurso de grande valia, principalmente quando nele há uma diversidade de gêneros textuais, quer sejam construídos com uma linguagem verbal, não-verbal ou mista.

Trabalhar a apreensão dos sentidos dos textos é algo primordial no trabalho do docente, independente do nível de ensino em que ele atue. Em especial, buscar se apropriar de teorias e metodologias que propiciem um maior entendimento do que está posto nos textos imagéticos deve ser uma formação contínua a ser desejada pelo professor, pois graças a teorias como a GDV, as pessoas envolvidas no binômio ensino-aprendizagem podem ter como refletir mais sobre cada elemento inserido na imagem, compreendendo que há detalhes importantes a serem observados e internalizados para o alcance do entendimento do que uma representação

imagética quer trazer de discurso, que ideias quer apresentar e o que tudo isso representa dentro de um contexto cultural, social e político no qual ela está circulando.

REFERÊNCIAS

BALADELI, A. P. D. Questões de identidade em sala de aula: que sentido de brasilidade apresentam os livros didáticos? In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos**. Campinas: Pontes Editores, 2014. cap. 10, p. 225-242.

GRAÇA S. ... [et al.]. – Interação português – 1.ed. – São Paulo: Editora do Brasil, 2020.

FREITAS, L. R. de. **Representação do Brasil e do povo brasileiro nos livros didáticos de inglês: uma análise multimodal crítica da coleção Way to go**. Orientadora: A na Maria Pereira Lima. 2020. 174 f. Dissertação mestrado acadêmico Interdisciplinar em História e Letras (MIHL), Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Quixadá, 2020. Disponível em: <http://www.uece.br/mihl/wp-content/uploads/sites/66/2021/05/dissertacaooleopoldinaramosdefreitas.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London, New York: Routledge, [1996]2006.

SEMIÓTICA. In: PRIBERAM, Dicionário Online Priberam de Português. 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/semiologica> . Acesso em: 03/08/2022.

SOUZA, S. J.; LOPES, A. E. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cadernos de pesquisa**, p. 61-80, 2002.

VIEIRA, J. A. **Novas perspectivas para o texto: uma visão multisemiótica**. In: VIEIRA, Josenia Antunes; ROCHA, Harrison da; MAROUN, Cristiane R. G. Bou; FERRAZ, Janaina de Aquino (Orgs.). Reflexões sobre a língua portuguesa: uma análise multimodal. Petrópolis: Vozes, 2007. cap. 1, p. 20-50.

WODAK, R.; MEYER, M. (orgs.) (2009). *Methods of Critical Discourse Analysis*. Londres. Sage.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

BAPTISTA, C. R. *et al.* Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2020.